

**KAMBIWÁ EM ESPALHAMENTOS: PROVOCAÇÕES SOBRE FRONTEIRAS
POLÍTICAS E POÉTICAS DE TERRITÓRIOS INDÍGENAS ATRAVÉS DO BARRO.**Débora Caroline Viana Almeida ¹ - UNIVASF

Poéticas do barro: reverberações dos procedimentos cerâmicos nas artes visuais.

RESUMO:

Esta partilha consiste numa reflexão da experiência por meio da manipulação da argila para técnica cerâmica, fundamentada no diálogo entre a matéria e o espaço geopolítico, no qual percorri territórios indígenas “inventados” através da confecção de peças cerâmicas para uma série que consistia na reprodução das formas cartográficas dos 10 territórios indígenas - ainda não demarcados - do Estado de Pernambuco. Neste escrito faço um recorte e reflexão sobre uma única peça, correspondente ao território Indígena do povo Kambiwá.

PALAVRAS-CHAVE:

Poéticas; cerâmica, territórios, indígenas, sertão.

Cortando território

Kambiwá é território indígena localizado nos municípios de Inajá, Ibimirim e Floresta, no Estado de Pernambuco, o mesmo faz divisa e partilha parte do mesmo território sagrado com o povo Pipipã. O povo indígena kambiwá, que ainda não tem todo o seu território demarcado, depende da permissão do Ibama para fazer suas peregrinações por 10 dias na Serra Negra, lugar dos seus rituais sagrados. O nome “Kambiwá” significa “retorno à Serra Negra”, representa hoje um dos principais objetivos desse grupo, que busca ampliar suas terras de modo a rein(corpo)rar a Serra Negra - área convertida em Reserva Biológica na década de 1970 – ao território de origem.

Da série, foi o primeiro território e consistia na forma abaulada (proposição da instalação que problematizava gestão hídrica e intencionava colocar água nas peças), medindo 90 cm x 45cm. Uma forma difícil, pois o abaulamento distribuía a matéria criando tensões nas extremidades, as fronteiras alargavam-se alterando levemente a forma oficialmente geométrica. Depois da modelagem, foi necessário amarrar e umedecer constantemente as bordas, colocar peso para que as mesmas não rachassem nas fronteiras no processo da secagem. Ao movimentar a peça do lugar, abriu-se uma rachadura ao meio. A partir desse evento, a peça do território kambiwá provocou uma reflexão não só da atenção técnica da ciência física, mas também da necessidade política e cultural da demarcação de fronteiras e de territórios indígenas, que na contemporaneidade não são mais nômades, mas fixos. Cecilia Salles defende que as interações são muitas vezes responsáveis por essa proliferação de novos caminhos:

¹¹ Estudante do Curso de Licenciatura em Artes Visuais pela UNIVASF. Estagiária na Diretoria de Arte, Cultura e Ações Comunitárias (DACC). E-mail: deboraviana.amozonia@gmail.com

provocam uma espécie de pausa no fluxo da continuidade, um olhar retroativo e avaliações, que geram uma rede de possibilidades de desenvolvimento da obra. Essas possibilidades levam a seleções e ao consequente estabelecimento de critérios. (SALLES, 2008)

Todas as outras peças racharam nas periferias, sendo possíveis os reparos, mas Kambiá apontou para uma dimensão do território talvez central, pois a sua rachadura apareceu ao meio da peça, sugerindo refletir na dimensão espiritual de lugares que são sagrados (cemitérios, furnas, serras, sítios arqueológicos, porções da caatinga para retirada da jurema). A presença dos Encantados¹, está intimamente ligada à práticas culturais conectadas ao espaço físico, portanto, a defesa pela demarcação, por suas formas e fronteiras, além de reparar injustiças históricas é também, a continuidade de uma cultura que, ao contrário do que se pensa, não foi extinta. Devolvi a peça para o mesmo lugar, por respeito, e mesmo rachada ela foi para queima.



Fig.1 Território Kambiá, ponto modelagem.

Espalhamentos

A peça de kambiá, após o processo de queima, partiu-se. Espalhando-se em várias unidades de cacos. Foi como se a antiga forma tivesse gerado outros territórios, uma vez que, ao se partir, não conformou a forma estabelecida na técnica e porque não, na geografia física? Havia uma clara coerência: um povo que anda por 10 dias pela Serra Negra, que não está incorporada ao território, se expandiu. É bom lembrar que no passado pré-colonial, os povos indígenas dos sertões eram nômades e os territórios fluidos. Para o geógrafo Milton Santos, o tempo histórico é fundamental para compreender a organização e evolução dos espaços e afirma que “Somente a partir da unidade do espaço e do tempo, das formas e seu

conteúdo, é que se pode interpretar as diversas modalidades de organização espacial” (Santos, 1979, p.43). Santos, ao criar epistemologias para interpretar as diversas modalidades de organização espacial, corroborou para minhas hipóteses de interpretação e criação. Através dos procedimentos cerâmicos, surgia uma cartografia real, modelável e em processo.



Estudo de Caco de kambiwá (2018)



Fig.2 Espalhamentos de cacos Kambiwá, sobre rachaduras da UNIVASF
(Universidade Federal do Vale do São Francisco)

Foto: Sarah Hallelujah

O diálogo que a matéria impelia a respeito da conjuntura histórica, política e contemporânea era potente. Os cacos indicavam ação de movimentar, de se

espalhar dentro de espaços onde historicamente, nós indígenas, não estamos inseridos, como por exemplo, espaços de tomadas de decisão política e os que legitimam saberes: as universidades. Não obstante, as bolsas de permanência para estudantes indígenas e quilombolas nas Universidades Federais de todo o país foram cortadas 2 meses depois da ação. “Espalhamento de cacos Kambiwá” (Figura 2), talvez tenha sido uma previsão certa da cerâmica, indica também que espalhar e ocupar é preciso para a defesa dos territórios populares.

A artista Aнна Bella Geiger pesquisa cartografias geográficas e em seu trabalho tenciona a limitação de territórios culturais ao problematizar uma “cultura brasileira” única, comum a todos os habitantes da nação. Em suas obras, como a série *Local de Ação*, a negação de uma unidade orgânica e cultural, cria tensões em representações de Mapas ao propor novas delimitações, topografias e cartografias:



Fig 3 Local de Ação nº10. Anna Geiger. técnica serigrafia e clichê , 1980., Reprodução fotográfica Fábio Praça.

A criação de novas topografias e simultaneamente, a problematização das delimitações (culturais, políticas, sociais) indicadas por fronteiras e limites, como dispõe e propõe a artista, provoca uma série de questionamentos sobre o espaço e as formas. O conteúdo da crítica revela uma soma de acontecimentos históricos e desdobramentos epistemológicos sobre o espaço e uma inquietante perturbação na cartografia. Segundo Salles: “A criação como processo relacional mostra que os elementos aparentemente dispersos estão interligados; já a ação transformadora envolve o modo como um elemento inferido é atado ao outro.”

Espalhamentos finais

É sabido que ao longo de eventos e processos históricos no mundo, a cartografia validou posições hegemônicas modelando o espaço como forma de poder. Na manipulação da argila desvelaram que as problemáticas em entender as formas, eram, também, a própria expressão do seu conteúdo poético.



I Congresso de Artes, Ensino e Pesquisa

Margens em Desvios: Sistemas Políticos e Poéticos da Arte no Semiárido Nordeste

A noção do território está ligada ao domínio, ao controle. Assim como os territórios, a cerâmica demonstra que os corpos humanos (outros territórios) também são delimitados em fronteira políticas. O processo poético aponta que, tanto a forma física, quanto a política, não aceitam as condições nas quais estão inseridas (golpes políticos, perdas de direitos) A interpretação e subversão da poética do barro insiste em anunciar resistências politicamente poéticas ao espalhar suas fronteiras.

Notas

¹ Encantados: antepassados que, vivos ou não, tornaram-se parte integrante da natureza conferindo ao território o status de sagrado

Referencial

MONTEIRO, Maria E. B. "**Informação sobre os Kambiwá**". Brasília : Cemdo/Funai, 1982.

SANTOS, Milton. **Pensando o Espaço do Homem**. Edusp.2012

SALLES, Cecília Almeida. **Redes da Criação: Construção da obra de arte**. São Paulo: Horizonte, 2008.

<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa296/anna-bella-geiger>, acessado em 07/04/2018.